

## O divino e o monstruoso na literatura: Movimentações religiosas e as representações de monstros nos folhetos ingleses modernos

Luisa Padua Zanon\*

1

### Resumo

O presente artigo tem por objetivo primordial o trato das representações dos monstros a partir da chamada “literatura de rua” inglesa. Embasando-se nos impressos dispostos na coleção *Early English Books Online*, objetiva-se entender em que medida a apreensão do monstruoso modificou conforme o escopo religioso e cultural de cada sociedade. Nesse prisma, focaliza-se as coadunações desse cenário com as transformações religiosas da Inglaterra Protestante, denotando à região uma particularidade nessa localidade. Para tanto, o trabalho vale-se de uma análise das representações e da linguagem para o trato representativos do monstruoso, buscando evidenciar as suas correlações com um dado discurso teleológico e cultural por trás. Ao fazer isso, à luz de Roger Chartier (1991) e Pierre Bourdieu (1989), pensa-se a dimensão simbólica, linguística e representativa desses materiais, tendo em vista sublinhar o papel da literatura impressa, bem como as relações desses documentos com a circulação de um dado *topos* sobre os monstros. Desse modo, delimita-se um esforço de compreensão das narrativas monstruosas do século XVII, buscando elucidar como o monstruoso desponta em meio a uma linguagem própria e a um cenário histórico distinto. Nessa assertiva, ao tomar o mundo como caótico e de *ponta-cabeça*, à luz de Christopher Hill (1987), reflete-se sobre como a monstruosidade toma corpo em um escopo calcado em reformas, tensões, jogos de poder e eclosão de Guerras Civis. Assim, tem-se um esforço de correlacionar os debates teratológicos às crenças religiosas, os jogos de sociabilidades e às produções culturais desse período, como no caso da literatura impressa.

**Palavras-chave:** Monstruosidade; Religião; Representação; Inglaterra Moderna; Impressos; Reforma Protestante.

### Abstract

The main objective of this article is to deal with the representations of monsters from the English “street literature”. Based on the societies marked by apprehension of the book in the *Early English Books Online*, the objective is to understand the extent to which the apprehension of the monster changed according to the religious and cultural scope of each. prism, focuses on how this scenario matches with religious transformations in Protestant England, denotes a particularity to this locality. Therefore, the work makes use of an analysis of representations and language for the representative treatment of the monstrous, seeking to highlight its correlations with a given teleological and cultural discourse behind it. In doing so, in the light of Roger Chartier (1991) and Pierre Bourdieu (1989), we think about this function of literature, linguistic and representative of these materials, in view of underlining the relationships between these documents with the circulation of a given *topos* on the monsters. In this way, an effort to understand the monstrous narratives of the 17th century is delimited, seeking to elucidate how the monstrous emerges in the midst of its own language and a different historical scenario. In this assertion, when taking the world as chaotic and *upside down*, in the light of Christopher Hill (1987), it reflects on how the monstrosity takes shape in a scope based on the outbreak of Civil Wars, correlating teratological

\* Mestranda em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

debates with religions, sociability relations and cultural productions from this period, as in the case of printed literature.

**Keywords:** Monstrosity; Religion; Representation; Modern England; Print Materials; Protestant Reformation.

### Introdução

Muito se postulou em relação ao papel da religião e a sua relação com os processos de conformação social e alocação dos sujeitos nas mais variadas sociedades. Com o surgimento da prensa e o aumento incipiente do processo de letramento, tem-se, na modernidade, uma circulação muito maior de textos e ideias, denotando um peso expressivo ao coletivo e à esfera discursiva pública (DAVIS, 1990; PINCUS; LAKE, 2006). Nesse viés, consagra-se, de início, o papel da dimensão religiosa nesses encadeamentos, bem como na circulação de ideários e elementos oriundos da Igreja por meio dos impressos. No caso da Reforma e as subsequentes alterações religiosas, notabilizam-se as mudanças e os impactos no que concerne ao acesso aos escritos, bem como nas formas de comunicação e expressão das crenças e costumes vigentes até o momento (GRIFFITHS; FOX; HINDLE, 1996).

A partir dos cultos protestantes tem-se, portanto, a corroboração de um processo de valorização da leitura e da interpretação individual da mensagem divina - delineando, assim, novas configurações sociais, religiosas, políticas e sociais (LIEBEL, 2006). A vista disso, o presente texto, com enfoque na Inglaterra do século XVII, objetiva entender o papel da religião e da Reforma no trato da monstruosidade ao longo dos folhetos impressos publicados no período moderno e quais as relações de tais alterações religiosas com as próprias mudanças nas formas de aceção da realidade e narração do monstruoso. Sendo o monstro algo que orbita a teologia, filosofia e biologia, cabe entender, portanto, em que medida o ser monstruoso se coaduna às tensões contextuais de uma Inglaterra recém-saída da Reforma Religiosa, bem como de que maneira ele vai ser representado após tais modificações no esquema religioso e político.

Nesse prospecto, suscitam-se, portanto, questões acerca das representações das figuras monstruosas que foram circuladas e quais as correlações dessas com o ideário religioso e as crenças vigentes no seio comunitário inglês. Entendendo a religião como uma dimensão capaz de mobilizar ações, disputas, discursos e jogos de poder, torna-se pertinente, pois, entender como os impressos sobre monstros comportavam um laço com os anseios cristãos e as próprias tensões escatológicas reforçadas pelos abalos na estrutura da Igreja. Desse modo, embasando-se, sobretudo, em alguns impressos da chamada “literatura de rua” inglesa - dispostos na coleção *Early English Online Books*, busca-se delimitar como a representação do monstro estava vinculada à uma dada ordem religiosa, bem como às modificações no escopo clerical. Para tanto, vale-se ainda das argumentações de

Roger Chartier (1991) e Pierre Bourdieu (1989) no que concerne aos esquemas simbólicos e representativos – pensando ainda a dimensão da produção impressa e da materialidade e literariedade que margeia essas produções (LIEBEL, 2017; CHARTIER, 2002).

## A religião e seus percursos

A religião, desde as mais antigas sociedades, foi considerada um elemento de coesão e atribuição de significado às vivências humanas. No caso do cristianismo, a fé em Deus serviu de apoio para a mobilização de discursos, ideários e ações coletivas - modulando as próprias interações dos sujeitos e a percepção desses em relação ao tempo (LOPES, 2008). De forma similar, o monstruoso também ocupou boa parte da paisagem social, sendo objeto de significativa atenção no decurso do tempo - para além de suscitar diferentes discussões e narrativas e entrelaçar-se, especialmente, a um discurso intelectual e teológico que buscava entender o porquê do surgimento de criaturas monstruosas e quais as possíveis relações dessas com a ação divina.

Ao se atentar para as civilizações mais antigas, como a dos gregos por exemplo, visualiza-se, de início, a presença de indivíduos que se já debruçavam sobre essa temática da monstruosidade com o intuito de compreensão do monstro e da sua existência. Um caso notório, nessa assertiva, é a própria obra de Aristóteles, *De Generatione Animalium*, na qual o filósofo aborda o que seriam os monstros e quais as possíveis causas para a sua geração. Segundo a sua perspectiva, o monstruoso seria, portanto, algo inscrito na natureza, mas que fugia ao curso normal dessa. Ou seja, era uma criatura dentro da ordem natural do mundo, mas que não era capaz de cumprir a sua finalidade máxima, sendo, assim, um ser incompleto em decorrência de alguma falha (Romano, 2001). Em compasso a essa produção, outros autores também dialogaram com a questão do monstruoso, como no caso de Cícero com a obra *De Divinatione*. No entanto, diferentemente de Aristóteles, ele já aloca os monstros à ideia de um presságio ou punição, sendo esses seres decorrentes do sobrenatural e que atestavam ainda para uma transgressão moral (COSTA, 2010).

A princípio, fica notório, portanto, a variedade de postulações sobre os monstros desde os tempos mais remotos, assim como um esforço de diferentes autores em tentar abordar o monstruoso. No caso das culturas mais antigas, esse fascínio ou curiosidade pelos monstros mobilizou ainda a o desenvolvimento de uma teratologia – destinada à compreensão e entendimento dos monstros. A própria raiz do termo encontra, por sua vez, as suas origens no vocábulo grego *teras*, significando algo que que “causa espanto, seja por despertar terror, seja por maravilhar o olhar” (YAGO, 2017, p. 30). À luz disso, delimita-se sobre como os monstros eram retratados sob uma ótica de curiosidade, maravilhamento ou atenção, suscitando admiração ou questionamentos acerca da natureza do homem e da sua relação com o mundo (KAPPLER, 1994).

## O divino e o monstruoso na literatura...

Quando muito, marcava ainda a dimensão mitológica ou literária, de tal modo a ocuparem espaços em relatos e contos. Nesse enquadramento, eles eram ainda relacionados ao sagrado e a própria estrutura do universo – em alusão ao desenvolvimento de uma teologia e cosmologia. Não é à toa que se encontra nesse momento uma série de mitos ou narrativas de viajantes que buscavam contar sobre a aparição ou vislumbre de monstros - para além de textos que versavam sobre a presença de criaturas maravilhosas – com enfoque sobre os centauros, medusas, górgonas, harpias, gigante ou sereias, a título de exemplo (YAGO, 2017).

No entanto, a partir do século XII e XIII, as posturas em relação ao monstruoso começam a ser ligeiramente modificadas, sobretudo, pela incorporação do cristianismo e a criação de bestiários medievais que buscavam catalogar e identificar as criaturas do mundo (FERREIRA; MORAES, 2000). Nessa ótica, com a religião cristã, os monstros passam a compor parte de um mundo tido como “criação divina”, de modo a penetrarem na própria cosmografia, literatura e arte religiosa, bem como a adquirirem um “significado alegórico, sob a forma de “prodígios morais” (FERREIRA; ROCHA; GANDRA, 2015, p. 09). Por conta disso, o monstro na Idade Média passa a ser associado à uma ideia de caos e disformidade, servindo de contraponto à um projeto divino. A partir disso, ele começa a ser representado segundo a noção de prodígio, evidenciando um fenômeno extraordinário que ocorria fora do curso na natureza. Assim, o monstruoso começa a aparentar, sutilmente, um caráter maligno ou diabólico – sendo intercalado à uma ideia de subversão da ordem e podendo ser visto como o resultado de uma punição divina face às condutas errôneas ou imorais.

É dentro desse cenário, pois, que se sublinha o peso da religião dentro das próprias constatações e modificações em relação à percepção dos monstros. Sendo o monstruoso uma ferramenta de reflexão espiritual, verifica-se o trato desse segundo os propósitos pastorais e teológicos ao longo da Idade Média (SIEVERS, 2007). Conforme apontado pelo livro organizado por Mark Larrimore (2000), a própria questão do “mal” vai ocupar boa parte das discussões filosóficas, teológicas e literárias no decurso do tempo, modulando a forma de entendimento e apreensão do maligno. Outrossim, é a partir do século XIII que se tem um refletir acerca das diferenças entre o natural e o sobrenatural, demarcando, assim, uma necessidade de distinção dessas duas esferas, bem como um devaneio acerca da ocorrência de milagres ou da possibilidade de existência de maravilhas (BOUREAU, 2016; BARTLETT, 2008). Não por acaso, tem-se, nesse período, a redação de uma série de obras destinadas a entender o sentido do monstruoso – para além de discussões relativas aos limites da natureza humana e divina. Realça-se aqui, pois, os textos

de Santo Agostinho, Tomas de Aquinas ou Santo Isidoro de Sevilha<sup>1</sup>, nos quais se verifica, a princípio, um notório esforço teológico de justificar a existência do monstruoso e traçar quais as suas correlações com o divino.

Nessa lógica, destina-se um papel central à Escolástica na formatação e reprodução de ideias acerca dos monstros e das relações desse com Deus (DASTON; PARK, 1998). O maravilhoso e a monstruosidade passavam, portanto, a envolver sensibilidades e a relatarem um problema religioso – que salientava as incertezas sobre o mundo, os homens e as origens das coisas, assim como a tênue fronteira entre o natural e o sobrenatural (CLARK, 1999). Nesse quadro, a religião denota uma importante dimensão para apreensão e trato dos monstros, sendo o cristianismo o responsável por dar uma nova roupagem ao maravilhoso. Ao considerar que o mundo medieval se sedimentava sobre uma dualidade do “bem versus o mal”, interpõe-se como o monstro vai ser associado ao horrendo, ao enigmático, ao abominável e ao pecaminoso, comportando ainda uma carga negativa (DAVIDSON, 1991). A própria Bíblia, nesse prospecto, passa a reforçar ideias acerca do nascimento de monstros e demônios, evidenciando uma correlação do nascimento desses seres com a ação dos demônios (KAPPLER, 1994). Desse modo, já no final da Idade Média, o monstruoso encontra-se associado às ideias de profanação, prostituição e imoralidade, sendo a própria bestialidade de seus corpos e formas disformes concebidas como uma aversão à Deus, à natureza e à lei (MILLAR, 2017). É nesse sentido, pois, que o nascimento de monstros indicaria a marca de um pecado ou transgressão, trazendo à tona um debate político e teológico como plano de fundo (WOOD; SCHILLACE, 2014).

## O monstruoso no linear do tempo

Apesar disso, é dentro da modernidade - período a qual o presente artigo se desloca - que a relação do monstro com o subversivo fica ainda mais aparente. Nesse prisma, ele passa a evocar um problema de ordem religiosa, que assombrava e rodeava o imaginário social, oscilando entre um horror e um medo teológico (BEAL, 2002). Ao historicizar esses monstros, delimita-se, portanto, como o monstruoso é fruto de determinada conjuntura histórica e tem o seu florescer mediante as condições sociais, culturais, econômicas, políticas ou religiosas de determinada época (DUNTHORNE, 2008). Segundo a abordagem de Jeffrey Cohen (2000), o monstro tende a aparecer e ser reforçado de forma mais latente em épocas de crise, sendo fruto de turbulências e contingências que demarcam certa realidade. No caso do período moderno, delimitado pelo enrijecimento de novas burocracias estatais, processos de ordenamento social, controle dos corpos

---

<sup>1</sup> No caso de Santo Agostinho sublinha-se a obra *A Cidade Deus*. Já no caso de Thomás de Aquinas salienta-se a obra *Summa Contra Gentiles* e no de Isidoro de Sevilha a produção *Etimologias*.

e contato com outros povos, tem-se, portanto, o desenvolvimento de um quadro de instabilidades no qual o medo do desconhecido, somado às intempéries sociais, acabam por potencializar a ascensão de seres monstruosos. Movidos pelo medo, que rodeava boa parte da modernidade europeia, os cristãos vivenciavam, assim, um período de vulnerabilidade e violência, assombrados igualmente pelas querelas civis, invasões externas e existência de pestes e guerras (GREENBLATT, 2012).

A exemplo, o próprio encontro contato com a América permitiu um “alargamento não somente dos domínios territoriais da velha Europa, mas, mais fundamentalmente, de toda uma cosmografia” (LEMOS, 2014, p. 191), impactando substancialmente no trato da humanidade e da monstruosidade. É frente a esse universo, portanto, que a presença do mal parecia cada vez mais própria e inerente à realidade dos indivíduos, de modo a contribuir para uma demonização do monstruoso e uma associação desse à eclosão de catástrofes e acidentes (MUCHEMBLED, 2001). Se na Idade Média o monstro ainda produzia uma espécie de fascínio e se associava à dimensão do ‘misterioso’, na modernidade ele se alinha, essencialmente, à esfera do subversivo e do maligno, representando uma ameaça à ordem cosmológica e sociopolítica (BEAL, 2002).

### Monstros e impressos, um entrecruzo

À luz disso, defende-se aqui um fator de grande importância para tais transformações em relação à apreensão do monstro na modernidade inglesa: o peso da religião e da Reforma Protestante. No caso, argumenta-se no presente texto como as mudanças religiosas e as subsequentes alterações no corpo clerical impactaram no entendimento relativo aos monstros - sobretudo a partir dos séculos XVI e XVII. Nesse viés, a Reforma, enquanto catalizador de mudanças sociais, políticas, religiosas e culturais, conferiu a esses seres um outro significado, bem como uma concretude cada vez maior à sua existência. A partir dela verifica-se, portanto, o rompimento de uma “unidade cristã”, bem como a abertura de espaços para novas experimentações, liberando ainda anseios e ansiedades (LIEBEL, 2020). Nessa assertiva, a Reforma – apreendida aqui pela sua multiplicidade e diversidade – contribuiu para o estabelecimento de novas formas de percepção do mundo e da humanidade, acentuando ainda mais as inseguranças e os receios sociais. Assim, a partir da implementação de novas crenças e condutas, a Reforma Religiosa colidiu com um fervor escatológico e um milenarismo que, pautados na ideia do fim do mundo ou na chegada do Anticristo, potencializaram um cenário de medo agudo.

Frente à essa cacofonia de mudanças, abriu-se um horizonte para a exploração do mal, alinhando tais angústias escatológicas à uma interiorização da fé e à uma acentuação do sentimento de culpabilidade. Desse modo, o medo e o pânico do mal passaram a ser personificados na figura

do desconhecido – fosse ele a do ateu, a da mulher desregrada, a da bruxa, o do diabo, o do estrangeiro (judeus/mulçumanos) ou, por fim, dos monstros. Nesse sentido, a criação de inimigos simbólicos impulsionou um discurso teológico que incidia sobre a apreensão da monstruosidade, alocando o monstruoso sob um prospecto maligno. O monstro, enquanto um ser anômalo, à margem, diferente e que relatava uma subversão em suas entranhas, passava a compor uma realidade cada vez mais instável, na qual a religião detinha uma profundidade sobre as vivências e as experimentações sociais.

Nesse prisma, sendo a Reforma algo que também não se prendia apenas ao discurso religioso, cabe salientar como outras dimensões sociais como a cultura, a criminologia, o judiciário, a literatura e a política foram intensamente afetadas pelas mudanças em curso. Nesse caso, chama-se atenção aqui para a Inglaterra, sobretudo no final do século XVI e no decorrer do século XVII, no intuito de evidenciar como a Reforma atingiu tal localidade de forma estrondosa, impactando na apreensão do monstruoso ali. À medida que a Reforma colocava em xeque questões relativas à existência de milagres, tonificava-se não só a fragilidade da fé cristã, mas também se abriam espaços para críticas e reflexões acerca dos limites da natureza humana e divina. Desse modo, ao se olhar para o cenário inglês isso fica ainda mais latente por conta da expressiva ruptura com o catolicismo na Ilha e os próprios atritos políticos e querelas civis que a população vivenciava.

À vista disso, aponta-se para a configuração de um cenário caótico na Inglaterra que, em conformidade com a argumentação de Christopher Hill (1987), denotava propriamente um mundo corrompido e de “ponta-cabeça” (AMUSSEN; UNDERDOWN, 2017). Em consonância à ideia de fim do mundo ou ao pessimismo milenarista, a noção de apocalipse insurgia cada vez mais no seio comunitário inglês, reforçando a retórica de uma região imersa em pecados e demônios. De igual forma, a abolição de santos, milagres ou práticas exorcistas pelos protestantes ingleses contribuiu para avultar a ideia de que a sociedade estava “à mercê do mal” - exacerbando as tensões ali dispostas (ALMOND, 2004; 2014). Tal cenário, por sua vez, ao operar sobre as sensibilidades religiosas, acabou por reforçar a concepção de que os monstros e os nascimentos monstruosos seriam fruto de uma ação punitiva de Deus face à decadência da humanidade. Assim, os monstros, veiculavam, por si só, mensagens escatológicas e promoviam uma personificação condizente com a imagem do inimigo comum – inimigo esse que poderia ser o próprio Papado ou os opositores políticos. Desse modo, no caso das representações desses monstros, verifica-se uma associação cada vez mais incisiva e categórica de associar tais seres à uma desordem política, religiosa e social (PURKISS, 2005).

Simultaneamente, é justamente no período supracitado que se tem a ocorrência da Guerra dos Trinta Anos e a eclosão das Guerras Civis Inglesas, acentuando ainda mais o peso das tensões

que se aglutinavam no escopo social. Frente aos levantes políticos, verifica-se uma sociedade debilitada que desenvolvia cada vez mais um interesse pelo diabo e o monstruoso (BRAMMALL, 1996). Não por acaso, verifica-se nesse momento o desenvolvimento de diferentes tratados demonológicos empenhados em traçar os campos da ação do diabo e os limites da ação divina. Em meio à elaboração dessa demonologia complexa, a Reforma serviu de âncora para fortalecer a ideia de uma luta entre o bem e mal; ou de um Deus poderoso versus um Diabo ardiloso (THOMAS, 1991). Um texto de suma importância é o próprio *Malleus Maleficarum* - haja vista a sua contribuição e influência para a produção e circulação de outras obras acerca da magia, da bruxaria e dos monstros (KAPPLER, 1994). Considerando a sua recepção na Ilha Inglesa no século XVII, pode-se pensar ainda em como ele acirrou a crença na presença do mal e a adoção de práticas inquisitoriais e redação de tratados demonológicos. Por meio dele teve-se, portanto, uma maior disposição para a associação do malefício em direção a aquilo tido como deformado ou monstruoso (FONSECA, 2018). Ou melhor, a partir dele, vociferou-se ainda mais um pavor da iminência do fim dos tempos e a ideia de um mundo tomado pelo Diabo (LIEBEL, 2004). Assim, as irregularidades do cotidiano transpuseram-se a ser entendidas como frutos de uma ação maligna exterior ou de um poder divino operando sobre mundo, confrangendo diretamente a ordem cósmica (SCRIBNER, 1993).

É nesse emaranhado, portanto, que o interesse pelo sobrenatural e pelo monstruoso se fermentam, embasando-se, sobretudo, em um discurso religioso e em um sistema intelectual por trás (GHADESSI, 2018). Nessa assertiva, o presente texto reforça o papel da religião no que concerne ao trato dos monstros e à atribuição de novos significados a ele. Como dito anteriormente, entendidos agora quase que exclusivamente sobre a ótica do pecado e da perversão, os monstros vão ser tachados, após a Reforma, como resultados da ira divina ou da ação demoníaca frente à uma humanidade em descabro e à uma cultura dirigente do medo (DELUMEAU, 2009). Nesse contexto, um exemplo clássico e que perdurou nos séculos XVI e XVII servindo de influência para outros textos é a obra do cirurgião-barbeiro francês Ambroise Paré. Intitulada *Des monstres et des prodiges*, a produção de Paré comportava, em uma escrita em língua vernacular, treze causas possíveis para o nascimento de monstros. Dentre elas, as que merecem maior destaque aqui são as que atribuem à existência do monstro “à glória de Deus”, “à ira de Deus” ou “à ação de demônios” (PARÉ, 1982). Por elas, verifica-se a criação de um texto que, fundado em uma perspectiva médica e baseado em experimentos e evidências, naturalizava os monstros e os alocava como resultado de causas tanto naturais quanto sobrenaturais. Tal ação, se pensada nos quadros da modernidade e da ocorrência da Reforma Protestante, é significativa no que tange às mudanças no trato do monstro e ao peso da investigação científica nessa abordagem.



Nessa direção, o mundo inglês pode ser retido por meio das ansiedades que circunscreviam o campo político, social e religioso (USZKALO, 2015). Nessa modernidade caótica e convulsionada pelas reformas na Igreja e os abalos na ordem estatal, introduz-se aqui um outro elemento essencial que vai contribuir para a profusão de novas representações e abordagens em relação ao monstro: a prensa. Ao considerar que o imaginário social era moldado por exorbitantes transformações sociais, atribui-se papel primordial à produção de símbolos e discursos no que diz respeito às visões do seio social (LIEBEL, 2006). Sendo assim, ao considerar as artes e a literatura como mecanismos de liberação das angústias e anseios, salienta-se o papel da prensa no que concerne à produção de textos que vão abordar a temática do monstruoso.

Nesse viés, como já bem delimitado, diferentes obras vão se debruçar, nos séculos XVI e XVII, no trato dos monstros e na busca por uma classificação desses seres frente à ação divina (BATES, 2005). No entanto, com a prensa isso ganha uma profusão muito maior, associando-se ainda à veiculação de mensagens pedagógicas, políticas ou religiosas, assim como em formas de controle social, moralização, denúncia, crítica e entretenimento (DUNTHORNE, 2008 e WITTKOWER, 1942). Se antes isso estava mais restrito à elaboração de tratados médicos, teológicos ou intelectuais, com os impressos verifica-se, ao contrário, um alargamento do público e da quantidade de textos que abordavam tal temática. Em vista disso e, considerando que o “processo de ordenação e estruturação das sociedades passa, necessariamente, pelo campo do simbólico” (ROBERGE, 2019, p. 08), torna-se válido, portanto, um direcionamento em torno das narrativas impressas e do papel da literatura inglesa no que concerne ao deciframento da realidade e à visualização das representações produzidas acerca dos monstros na modernidade.

Nesse enfoque, versa-se sobre o impacto da Reforma na constituição de uma esfera pública e no incentivo a um letramento incipiente, de modo a corroborar para a leitura e produção de textos (BRADDICK, 2008). No caso inglês, isso fica mais evidente a partir das reformas elizabetanas e as subsequentes efervescências na publicação de impressos frente às eclosões de conflitos civis e políticos no século XVII (COMO, 2007). Ao considerar esse período, verifica-se, portanto, uma grande circulação de textos sobre monstros, conectando-os aos pecados sociais como rebelião, sedição, heresia, conspiração e imoralidade (MARTIN, 2008). Isso, por sua vez, leva à reflexão de como tais impressos estavam ancorados em crenças específicas, que orbitavam tanto a dimensão política e religiosa quanto a social. Salienta-se, nesse sentido, o peso dos chamados textos de “literatura de rua” e a veiculação de mensagens por meio deles.

Entendidos pelas suas formas específicas de produção, bem como pelo seu público, os excertos que compõe esse tipo de literatura são, em geral, classificados pelo baixo preço, rápida produção, amplo acesso e maior facilidade de circulação (LIEBEL, 2017). Ao apresentarem ainda

## O divino e o monstruoso na literatura...

diferentes formas, estruturas, estilos e estratégias retóricas, mercadológicas ou tipográficas, tais textos comportavam uma infinidade de áreas e podiam abarcar os mais diversos temas (SUHR, 2011; HALASZ, 1977). Com ainda diferentes propósitos, a “literatura de rua” – essencialmente efêmera – vinculava-se a interesses plurais, servindo de objeto de difusão de pensamentos, sermões, críticas, denúncias, sátiras ou piadas. Sob as formas de panfletos, Baladas, folhas avulsas ou pequenos livretos, sobressai-se da literatura de rua a sua força política e cultural, bem como os seus possíveis entrelaçamentos com temáticas relativas às crenças religiosas vigentes (SHEPARD, 1973).

À vista disso, sustenta-se como esses impressos estavam integrados a um dado sistema cultural próprio da modernidade inglesa, mobilizando ideais e reforçando determinados arquétipos. Sendo o próprio século XVII um momento no qual a sociedade encontrava-se regida pela imaginação, pelo medo, pela fantasia e pela ficção, cabe considerar aqui o papel da linguagem e da palavra na circulação de ideários e na locução social (SPUFFORD, 1981). Ao se atentar ainda para a materialidade desses impressos, bem como para o seu contexto de produção, salienta-se como a escrita e a leitura estavam imersas em uma realidade própria – fundida a anseios religiosos e contingências políticas. Assim, defende-se aqui a pertinência de se olhar para tais obras, na medida em que elas evidenciavam – por suas representações e disposições textuais – certos interesses e convenções humanas. Nesse viés, a análise do campo simbólico permite considerar as disputas que tramitavam por trás dos textos, bem como as conexões entre a produção e o público consumidor de determinada obra (ACHINSTEIN, 1994; CHARTIER, 2002).

Depreende-se, de início, como tais materiais podem ser historicizados na medida em que são também construções datáveis e localizáveis no espaço-tempo. Logo, ao se entender o contexto de circulação e escrita desses impressos, para além das particularidades relativas à comercialização desses, postula-se como eles estavam imersos em uma dada lógica social, política e religiosa. Dito isso, fica claro a percepção de que tais textos estavam dentro de um campo ideológico específico e dependiam da posição dos agentes que o compunham. Ou seja, os discursos e as retóricas consagram-se como frutos de uma determinada época e prática, trazendo à tona sujeitos, dispositivos e formas de controle ou legitimação da ordem (FOUCAULT, 2008; BOURDIEU, 2007). Por conta disso, atentar-se para a representação veiculada e emanada por esses materiais torna-se pertinente, ao passo que evidencia a própria compreensão da realidade dessas sociedades e os jogos de poder ali dispostos.

## A representação *por e nos* impressos, uma análise de casos

Tonifica-se, portanto, o papel da linguagem como mecanismo e vetor de transmissão dessas representações. Face à essa articulação dos recortes sociais e às práticas culturais de escrita e leitura, interpõe-se aqui a ideia da representação enquanto uma construção humana, que envolve escolhas e comporta valores. Como elementos de poder, elas circulam dentro dos discursos e apresentam uma relação com os “sistemas de interpretação”, de modo a regerem a forma de interação dos indivíduos com o mundo, “orientando e organizando as condutas e as comunicações sociais.” (JODELET, 1993, p. 05). Nesse prisma, as representações alinham-se essencialmente à construção de uma rede de poder e simbologias, impactando na disposição das hierarquias e das relações sociais (CHARTIER, 2011).

Nesse emaranhado, o local destinado às representações veiculadas pelos impressos é crucial no que diz respeito à apreensão da monstruosidade no período moderno e o seu entrelaçamento a discursos e ideários religiosos. Para além de evidenciar a potencialidade da representação enquanto objeto de análise, cabe sublinhar como o monstro, na maior parte dos impressos ingleses, vai ser retratado como um sinal de caos. Em conformidade à Reforma e à eclosão de conflitos, o monstruoso no século XVII vai ser apreendido nos textos como um resultado da punição divina frente às calamidades cometidas pelos homens (JEHA, 2007). Como um elemento que anunciava a catástrofe e a morte, os monstros colocavam em xeque as incertezas humanas e demonstravam como a Inglaterra estaria rodeada de demônios (GIL, 2000; COHEN, 2000). Assim, o que se verifica claramente nos textos abarcados é a construção de uma tônica na relação dos monstros com a ação de Deus e a presença do diabo, sendo isso ainda mais evidente pelas próprias alterações da Reforma. A exemplo, David Cressy (2011) explana sobre como a Inglaterra Protestante e hierarquizada, trazia à cena no século XVII temáticas relativas à bestialidade e o nascimento de monstros, associando esses seres aos próprios distúrbios religiosos, políticos e sociais ali vivenciados.

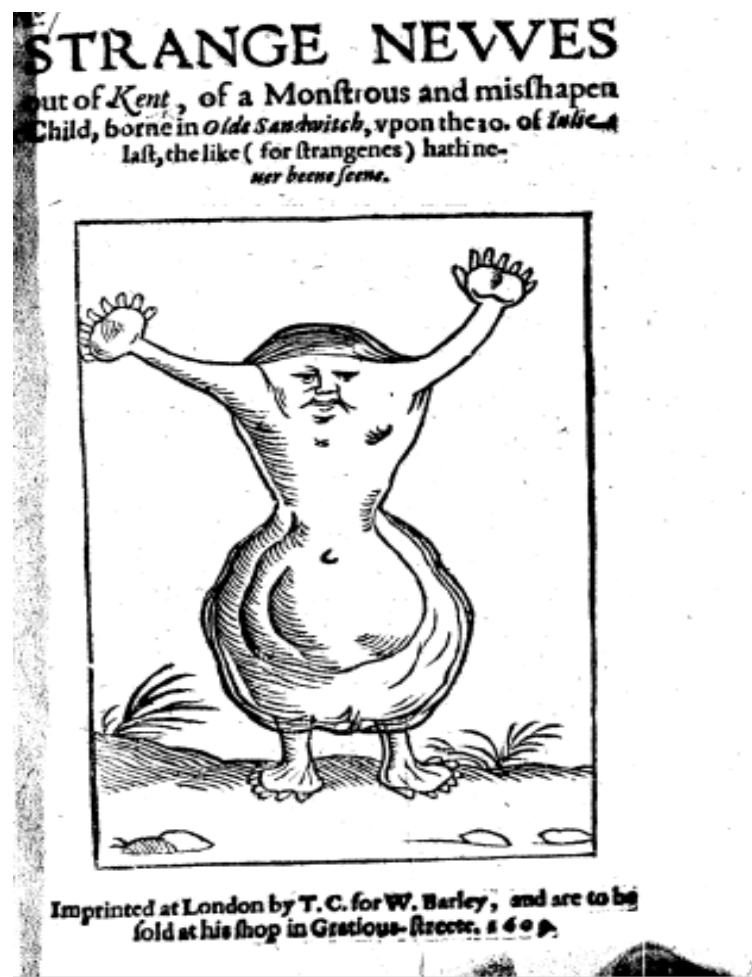
Em um cenário de medo latente e suspeição do outro, o monstro, enquanto um ser à margem, disforme e anômalo, relatava, portanto, um problema estético, moral e religioso, acentuando os anseios religiosos e evidenciando uma sociedade comprometida em relação a sua fé cristã. Com isso, ele passa a adquirir um sentido social e cultural, reforçando e sinalizando eventuais posturas errôneas protagonizadas pelos sujeitos. Nesse emaranhado, o presente texto desloca um local central para a literatura impressa na apreensão das produções culturais a respeito da temática da monstruosidade nesse período. Ao tomar a coleção *Early English Books Online* como objeto foco para a análise, salienta-se como esse acervo, disposto de modo online pela Wellcome Library, contém diferentes produções impressas e manuscritas que datam de 1473 a 1700. Disponibilizadas

via internet e com digitalizações, a EEBO destribe-se hoje em outras quatro coleções e contém materiais dos mais variados temas. Criada em 1999 em conjunto com a *ProQuest*, a Universidade de Michigan e a Universidade de Oxford, possui excertos relativos às áreas da filosofia, história, literatura, linguística, teologia, direito e música - incluindo ainda as coleções Pollard & Redgrave's Short-Title Catalogue (1475-1640), Wing's Short-Title Catalogue (1641-1700), *Thomason Tracts (1640-1661) collection* e *Early English Books Tract Supplement* (LIMA, 2014).

Desse modo, por meio de seu banco de dados é possível ter o acesso a uma pluralidade de impressos do período moderno, abarcando, por sua vez, a produção de textos no período das Guerras Civis Inglesas. Por meio dessa coleção, pode-se ter a visualização desses materiais oriundos da prensa, para além da informação da autoria, do título, do nome do impressor, do ano de publicação, do local de impressão, do assunto do texto e, por vezes, da sua transcrição. Assim, tem-se um expressivo acervo com mais de 20000 títulos e que apreende boa parte da produção impressa da Inglaterra. Não obstante, a EEBO conta ainda com a ferramenta de “busca por palavras chaves”, o que permite um apanhado dos impressos relativos à temática da monstruosidade ou a temas correlacionados aos monstros. A vista disso, o presente trabalho baseou-se na seleção de impressos de caráter efêmero (com até 08 páginas de extensão) e cuja publicação se passa ao longo do século XVII. Feito esse agrupamento, destacou-se aqui alguns materiais que demonstram como o monstruoso se alocou na literatura de rua às questões relativas à religião e ao escopo social inglês.

Nesse caso, um dos impressos a ser aqui analisado retrata de forma notória a prevalência de uma associação dos monstros à uma punição ou castigo divino - alocando esses seres como “metáforas do mal” (BERTIN, 2016). Trata-se, portanto, do folheto *Strange News of Kent*, datado de 1609. Impresso por J. Kingston, o texto, de apenas oito páginas, aborda a narrativa do nascimento de uma criança de formato anormal e monstruoso, bem como a ocorrência de acidentes estranhos nas redondezas do local abarcado. De início, ele apresenta ainda uma ornamentação em suas páginas, bem como a presença de uma imagem monstruosa em sua capa - evidenciando em letras maiúsculas o título da história e a presença de um caráter ‘estranho’ em relação ao que era exposto.

## 1. Frontispício do impresso



Fonte: ANÔNIMO, 1609.

Para além dos detalhes textuais e materiais de tal produção, salienta-se a primeira parte do texto no qual é afirmado que o nascimento de seres monstruosos decorreu justamente de uma ira divina. Sendo assim, o monstro no impresso é visualizado, a princípio, como resultado de uma ação de Deus contra os homens, sobretudo, por conta das ofensas, pecados e transgressões cometidas pela população da Inglaterra. A exemplo, cita-se no texto:

God, we see is highly offended with vs, in that he thus changed the secret workings of nature, as he lately shewed, in the strange birth of a monstrous child brought into the World [...] consideration of the heavy wrath of our angrier God, not only by this his judgement here expressed, but divers' other ways threatened against us, for our sines & transgressions (ANÔNIMO, 1609, p. 01)

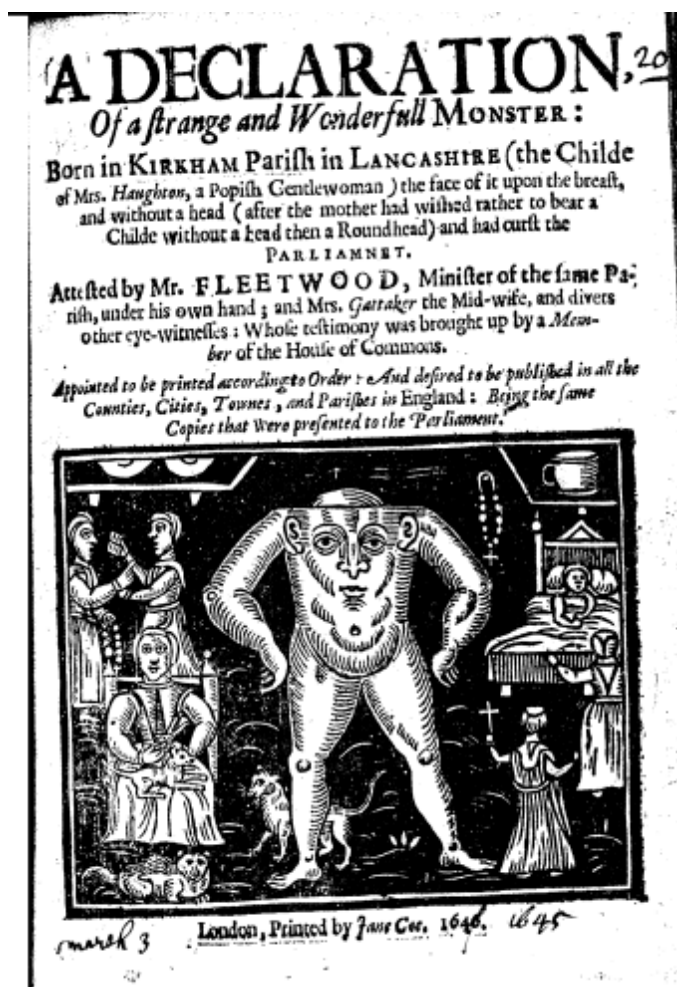
Assim, verifica-se, claramente, uma associação da postura religiosa e social dos indivíduos frente à aparição do monstro, bem como uma associação desse à ocorrência de comportamentos inadequados. Tal impresso consente, portanto, com a discussão traçada até o momento no que

## O divino e o monstruoso na literatura...

concerne ao papel da religião no trato do monstruoso e na mudança de acepção desses seres ao longo da modernidade.

Em similitude, um outro impresso que demarca o papel da religião e das mudanças religiosas na Inglaterra refere-se ao texto intitulado de *A Declaration of a strange and wonderfull Monster born in Kirkham, in Lancashire*. Sendo um impresso de 1646 - já próximo a ocorrência das Guerras Civis Inglesas - o folheto de oito páginas e impresso por Jane Coe narra a história do nascimento de um monstro, de tal forma a alocar o nascimento desse ser com uma ira divina contra população profanada. Com títulos em caixa alta e uma atenção à estranheza e maravilha do fenômeno relatado, o folheto é apresenta também uma imagem de um ser anômalo em sua capa, ilustrando a própria narrativa.

### 2. Frontispício do impresso



Fonte: ANÔNIMO, 1646.

No entanto, o ponto central do texto é a associação do monstro gerado com a presença de papistas. Nesse viés, ao longo da narrativa, é exposto como a mulher que dá luz ao ser monstruoso seria uma Papista e responsável por praguejar blasfêmias e frases desejando a volta da Igreja Papal.

A exemplo cita-se: “after she hath often said, that she hoped to see the Church flourish again (meaning the Popish Church) and all Roundheads subdued; and she hath done much for the relief of poor Papists in those parts” (ANÔNIMO, 1646, p. 03).

Nessa assertiva, fica claro o peso da religião no trato e na associação dos monstros, assim como a presença de intrigas entre católicos e protestantes que se transpunham para tais narrativas impressas. No caso, chama atenção, portanto, para o embate entre os papistas e a atitude dos protestantes em culpabilizar esses indivíduos pelo nascimento do ser monstruoso. Assim, em uma Inglaterra reformada, a presença desses católicos era assinalada, em parte, como uma perturbação da ordem e como uma ameaça ao bom funcionamento da sociedade e da vivência da fé cristã. Em virtude disso eles eram tachados como “hereges” e lhes era atribuído a um estatuto de negatividade. A exemplo, cita-se a menção no decorrer do texto de palavras como “honestos” em referência aos protestantes, ao passo que termos como “espírito amargo” eram relegados aos católicos. Em compasso, verifica-se também um reforço da ideia acerca desses católicos, de modo a narrar o comportamento desses indivíduos, como exposto em:

Papists they were both, and divertive against honest protestants, For her mother she would usually call honest men Roundheads and Puritans, and Heretics, many gentlemen did much use her house, which were suspected to be popish priests her husband [...] descended of an ancient family, well known in those parts and not altogether of such a bitter spirit [...] she was not only borne of popish parents, but bred, and brought up with them, and educated in the popish Religion having many popish pictures, and Crucifixes, and other popish trumpery wherein she much delighted (ANÔNIMO, 1646, p. 3)

Nesse viés, as representações evidenciadas por esses impressos tonificam o papel da religião na acepção do monstruoso e na construção dessas narrativas. Os praticantes do catolicismo são interpretados no texto acima como elementos de ojeriza divina, levando, conseqüentemente, ao nascimento de monstros por conta de uma punição de Deus. Fica nítido como a própria crença em relação à monstruosidade se vê imersa em códigos e sistemas vigentes que perpassavam pelo campo do religioso, cultural e do simbólico. No caso desse impresso, em específico, verifica-se como os monstros eram instrumentalizados e utilizados pelos protestantes para se argumentar contra católicos - o que, em uma Inglaterra pós-reforma, atesta para o potencial desses seres de personificarem um inimigo religioso ou político que assombrava a população inglesa (PATTERSON, 2014). Sendo assim, ao interpretarem os monstros como presságios ou símbolos divinos, salientava-se, portanto, uma determinada visão de mundo no qual o monstruoso representava uma ameaça à ordem.

Tal relação também pode ser vista em textos católicos em referência aos protestantes, de tal modo a corroborar com a ideia de que a religião estava presente nessas narrativas e que o

monstro poder-se-ia funcionar enquanto uma alegoria para representar o caos ou a subversão de determinado sistema (JUNIOR, 2010). Ao ocuparem um *locus* de desvio, o monstro comportava a ideia de uma degeneração ou corrupção, sendo, portanto, aplicado em discursos para se relatar atitudes inaceitáveis ou posturas errôneas - desafiando a harmonia, o controle e a proporção (FERREIRA; HAMLIN, 2012). Ainda tratando-se da religião, o monstruoso ocupava, então, o lugar do antiético ou do “outro” – isto é, no caso da Inglaterra protestante, aqueles que não se adequavam à fé vigente - os católicos. Dessa forma, pode-se dizer que os monstros protestantes evocavam temáticas e conexões com as guerras, os atritos políticos, os comportamentos transgressivos e as rupturas no esquema religioso que delineavam a localidade inglesa, evidenciando as tensões ali vividas (BATES, 2005). Acima disso, salienta-se também a retórica que era agregava a esses seres, fazendo deles objetos de moralização, crítica, denúncia e propaganda política ou religiosa (BRAMMALL, 1996).

### Ganchos para algumas considerações

A partir do exposto, abre-se espaço, portanto, para algumas considerações no que concerne à abordagem do monstruoso na modernidade, bem como às suas relações com o âmbito religioso e a produção de impressos efêmeros. Diante desse quadro, cabe salientar, a princípio, como os monstros na Inglaterra do século XVI e, sobretudo, do século XVII, se portam como uma categoria performativa complexa, alinhando-se a uma rede de símbolos e a um cenário de instabilidades e turbulências. Sendo assim, esses seres poderiam ser usados enquanto objetos para se versar sobre o mundo e os limites da natureza humana e divina, podendo ainda funcionar como elementos definidores ou caracterizadores dessa modernidade. Acima disso, eles também expressavam aquilo que era tido perigoso e horrível na experiência humana, contribuindo para dar sentido ao mundo. Não obstante, oriundo do latim *mostrare*, o monstruoso veio acompanhado, em geral, da ideia de revelar algo, fosse da natureza ou do interior dos indivíduos. Nesse caso, os monstros acentuam também o papel do olhar e dos sujeitos no contato e categorização das vivências coletivas e das formas de se relacionar com o outro. Assim, sendo o próprio olhar humano algo modulado e codificado pela realidade no qual se inscreve, delimita-se como a monstruosidade e a sua apreensão comportam uma historicidade e se alinham a uma dimensão cultural, política e religiosa (ROMANO, 2001).

Entreposto a um esquema representacional coletivo, o monstro é, na modernidade, associado a um discurso teológico e filosófico que lhe confere uma posição de desvio e anormalidade, sendo passível, assim, de repulsão e aversão (MILLAR, 2017). Nesse viés, o diferente, assumido na forma do herético ou maligno, servia como um intensificador do medo,



acentuando o quadro de aflições que delineava a paisagem inglesa. Desse modo, a própria literatura de rua ao tratar desse tema, fornece exemplos dessa relação de estranhamento entre os sujeitos e o seu exterior, funcionando, portanto, como uma poderosa metáfora cultural. Assim, o monstruoso traz à tona as anormalidades e o mal-estar que acompanham a humanidade – seja em relação ao desenvolvimento da ciência, à política ou à religião.

É nesse quadro, portanto, que o monstruoso sinalizava, essencialmente, uma ameaça ao corpo político e religioso, abalando as próprias certezas e os valores pré-definidos de humanidade (DAVIDSON, 1991). Ao colocarem em dúvida o campo da ação divina e os domínios da natureza, ele mobilizava ainda debates teológicos e religiosos no intuito de compreensão acerca da sua existência. Desse modo, o monstro revela uma relação aparente com a sua conjuntura temporal e espacial, bem como um *nexus* com as próprias crenças no “fim do mundo” ou na chegada do Anticristo. Nessa perspectiva, retoma-se o argumento acerca de como o monstro se associa ao discurso religioso e as mudanças que nele ocorrem no decurso do tempo. De certo, reforça ainda a concepção de que o monstro moderno é diferente daquele referido pelos antigos ou medievais, ao passo que a Reforma tem papel substancial no acirramento das ansiedades e nas modificações acerca do trato do monstruoso. Dito isso, abre-se espaço para pensar o notório local que a religião cumpre na apreensão desses seres, bem como na veiculação de certos ideários.

O presente texto, ao evidenciar a associação entre os elementos culturais, sociais, políticos e religiosos no acareamento da monstruosidade, realça a pertinência de se estudar os monstros - sobretudo face ao seu contexto de criação. Ao refletir sobre essas narrativas impressas na modernidade - e entendendo, à luz de Michel de Certeau (2015), que elas partem de locais, temporalidades e sujeitos pré-determinados – salienta-se a historicidade que comporta tais escritos e a necessidade de análise desses materiais. Por meio deles, torna-se possível, pois, visualizar como se deu a circulação de representações acerca dos monstros em um amplo nível social, bem como traçar as possíveis justificativas para a existência e o papel de tais textos – evidenciando seus públicos, formatos e narrativas. Desse modo, ao se pensar nos monstros que são engendrados por determinada sociedade e reproduzidos em sua literatura, torna-se exequível uma melhor compreensão da realidade e das estruturas políticas, sociais e religiosas que circunscrevem a vida dos homens e mulheres no seio comunitário. Acima disso, insurge, por fim, em um ponderar acerca da monstruosidade enquanto uma construção histórica, que dá sentido ao mundo e funciona como uma chave de leitura para a compreensão dos medos, dos problemas e das transformações que são dispostas no tempo (BRADDICK, 2008). É pelo monstruoso, portanto, que se pode destrinchar a história, revelando com ela um discurso cultural e religioso de caráter múltiplo e poliforme, mas

que ainda amedronta os indivíduos. E é justamente nesse “mundo de ponta-cabeça” que o monstro se faz presente e perturba os alicerces da sociedade inglesa.

### Referências bibliográficas

ACHINSTEIN, Sharon. Women on Top in pamphlet literature of the English Revolution. *Women's Studies*, Northwestern University, v. 24, n.1-2, 1994. p. 131-163.

ALMOND, Philip. *Demonic Possession and Exorcism in Early Modern England: Contemporary Texts and their Cultural Contexts*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

\_\_\_\_\_. *The Devil: A New Biography*. Ithaca: Cornell University Press, 2014.

AMUSSEN, Susan; UNDERDOWN, David. *Gender, Culture and Politics in England, 1560-1640*. Londres: Bloomsbury Academic - Bloomsbury Publishing Plc, 2017.

BARTLETT, Robert. *The Natural and the Supernatural in the Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

BATES, Alan. Good, Common, Regular, and Orderly: Early Modern Classifications of Monstrous Births. *Social History of Medicine*, vol.18, n°. 2; 2005. p. 141-158.

BEAL, Timothy. *Religion and its Monsters*. New York; London: Routledge, 2002.

BERTIN, Juliana. O monstro invisível - o abalo das fronteiras entre monstruosidade e humanidade. *Outra travessia*. n° 22, 2016. p. 37-54.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6ªed. Introdução e organização de Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOUREAU, Alain. *Satã Herético: O Nascimento da Demonologia na Europa Medieval (1280-1330)*. Tradução de Igor Salomão Teixeira. Revisão técnica: Néri de Barros Almeida. Campinas/São Paulo: Ed. Unicamp, 2016.

BRADDICK, Michael. Mobilisation, anxiety and creativity in England during the 1640's. In: MORROW, John; SCOTT, Jonathan (ed.) *Liberty, Authority, Formality: political ideas and culture, 1600-1900*. Exeter: Imprint Academic, 2008. p. 175-93.

BRAMMALL, Kathryn. Monstrous Metamorphosis: Nature, Morality, and the Rhetoric of Monstrosity in Tudor England. *The Sixteenth Century Journal*, vol. 27; n° 01, 1996. p. 03-21.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre práticas e representações*. 2ªed. Tradução de Maria Manoela Galhardo. Rio de Janeiro: Memória e sociedade, 2002.

\_\_\_\_\_. Defesa e ilustração da noção de representação. *Fronteiras*. Dourados/Mato Grosso do Sul, vol. 13, n. 24, 2011. p. 15-29.

CLARK, Stuart. *Thinking with demons: Idea of Witchcraft in Early Modern Europe*. England: Oxford University Press Online, 1999.

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz (org.). *Pedagogia dos monstros - os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva - Belo Horizonte: Autêntica; 2000. p. 23-60.

COMO, David. Secret Printing, the Crisis of 1640, and the Origins of Civil War Radicalism. *Past & Present*, n°. 196, 2007. p. 37-82.

- COSTA, Palmira. Livros sobre monstros e prodígios. In: *Catálogo da Exposição Arte Médica e Imagem do Corpo de Hipócrates ao século XVIII*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2010. p. 63-78.
- CRESSY, David. Monstrous Births and Credible Reports: Portents, Texts, and Testimonies. In: CRESSY, David. *Travesties and transgressions in Tudor and Stuart England: tales of discord and dissension*. *Oxford Scholarship Online*, 2011. p. 29-50.
- DASTON, Lorraine; PARK, Katherine. *Wonders and the order of nature, 1150-1750*. New York: Zone Books, 1998.
- DAVIDSON, Arnold. The Horror of Monsters. In: SHEEHAN, James; SOSNA, Morton (org.). *The boundaries of Humanity - Humans, animals, machines*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1991. p. 36-67.
- DAVIS, Nathalie. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna: oito ensaios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente, 1300-1800 - Uma cidade sitiada*. Tradução de Maria Lucia Machado e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DUNTHORNE, Anna. How to Approach a Monster: A Comparison of Different Approaches in the Historiography of Early Modern Monster Literature. *Journal Compilation*, Blackwell Publishing Ltd. Swansea University, 2008.
- FERREIRA, Jonatas; MORAIS, Jorge. O monstruoso: Inovação tecnológica e crise do Humanismo. *Perspectivas*, São Paulo, n° 23, 2000. p. 25-50.
- \_\_\_\_\_; HAMLIN, Cynthia. Fundamental: “Mulheres, negros e outros monstros - Um ensaio sobre corpos não civilizados”. *Portal Geledés - Questões de Gênero*, 2012. p. 01-19.
- FERREIRA, Jussara; ROCHA, Loryel; GANDRA, Manuel. Museu e memória - Corpos teratológicos na literatura luso-brasileira. *Plataforma 27 - Periódicos UNB*, 2015. p. 07-17.
- FONSECA, Pedro. Raízes do horror medieval ao malefício do feminino: Alguns casos exemplares. *Itinerários*, Araraquara, n° 44, 2018. p. 151-168.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do saber*. 7ªed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GHADESSI, Touba (org.). *Portraits of Human Monsters in the Renaissance - Dwarves, Hirsutes, and Castrati as Idealized Anatomical Anomalies*. Kalamazoo: Western Michigan University, 2018.
- GREENBLATT, Stephen. *A virada: O nascimento do mundo moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- GRIFFITHS, Paul; FOX, Adam; HINDLE, Steve. *The Experience of Authority in Early Modern England*. S1. New York: Martin's Press, Scholarly and Reference Division, 1996.
- HALASZ, Alexandra. *The marketplace of print: Pamphlets and the public sphere in early modern England*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- HILL, Christopher. *O mundo de ponta-cabeça: ideias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640*. Tradução; apresentação e notas: Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- JEHA, Júlio. *Monstros como metáforas do mal*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (ed.) *Les représentations sociales*. Tradução de Tarso Bonilha Mazzotti. UFRJ. Paris: PUF, 1993. p. 31-61.
- JUNIOR, Carlos. Sobre corpos e monstros: Algumas reflexões contemporâneas a partir da Filosofia da Diferença. *Psicologia em Estudo*, Maringá, vol. 15, n. 1. 2010. p. 179-187.

KAPPLER, Claude. *Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LAKE, Peter; PINCUS, Steve. Rethinking the Public Sphere in Early Modern England. *Journal of British Studies*. Cambridge University Press, vol. 45, nº 2, 2006. p. 270-290.

LARRIMORE, Mark (ed.). *The Problem of Evil: A Reader*. John Wiley and Sons Ltd; 1ªed, 2000.

LEMOS, Fabiano. Kant e o monstro. *Kriterion*, Belo Horizonte, n. 129, 2014. p. 189-203.

LIEBEL, Sílvia. Abrir janelas nas almas dos homens: notas historiográficas nos 500 anos da Reforma Protestante. *História Unisinos*, vol. 24, nº 3, 2020. p. 418-431.

\_\_\_\_\_. *Demonização da mulher: A construção do discurso misógino no Malleus Maleficarum*. Monografia. (Graduação em História). Curitiba: UFPR, 2004.

\_\_\_\_\_. *O mundo às avessas na Europa dos séculos XVI e XVII: Humor, sandice e crítica social*. Dissertação. (Mestrado em História). Curitiba: UFPR, 2006.

\_\_\_\_\_. Os canards e a literatura de rua na França moderna (séculos XVI e XVII). In: RODRIGUES, R. (org.). *Possibilidades de Pesquisa em História*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 11-30.

LIMA, Verônica Calsoni. Uma narrativa da Revolução Inglesa por meio de seus impressos: George Thomason e sua Coleção (1640-1660). *Anais da XIX Semana de História da UNESP*. Franca: UNESP, 2014. p. 102-115.

LOPES, Marcos. Ars Historica no Antigo Regime: a História antes da Historiografia. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 24, nº 40, 2008. p. 633-656.

MARTIN, Randall. *Women, Murder, and Equity in Early Modern England*. New York: Routledge, 2008.

MILLAR, Charlotte-Rose. *Witchcraft, the Devil, and Emotions in Early Modern England*. New York: Routledge, 2017.

MUCHEMBLED, Robert. *Uma História do Diabo - Séculos XII-XX*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

PARÉ, Ambroise. *On Monsters and Marvels*. Tradução, introdução e notas de Janis Pallister. Chicago: University of Chicago, 1982.

PATTERSON, Serina. Reading the Medieval in Early Modern Monster Culture. *Studies in Philology*. Vancouver: University of British Columbia, 2014. p. 282-311.

PURKISS, Diane. *Literature, Gender and Politics During the English Civil War*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

ROBERGE, Lívia. Caça às bruxas e Guerras Civis na Inglaterra do século XVII - Uma análise do panfleto Wonderfull News from the North, de Mary Moore. *Revista Escripturas*, vol. 03, nº 02, 2019. p. 07-30.

ROMANO, Roberto. Pensamento e monstruosidade. *Revista USP*, São Paulo, n. 50, 2001. p. 210-220.

SCRIBNER, Robert. The Reformation, Popular Magic, and the “Disenchantment of the World”. *The Journal of Interdisciplinary History*, vol. 23, nº 03, 1993. p. 475-494.

SHEPARD, Leslie. *The History of Street Literature - The story of Broadside Ballads, Chapbooks, Proclamations, News-Sheets, Election Bills, Tracts, Pamphlets, Cocks, Catchpennies, and other Ephemera*. Newton Abbot: David & Charles, 1973.

SIEVERS, Julie. Literatures of Wonder in Early Modern England and America. *Journal Compilation*. Blackwell Publishing, 2007. p. 766-783.

SPUFFORD, Margaret. *Small Books and Pleasant Histories* – Popular Fiction and its Readership in Seventeenth-Century England. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

SUHR, Carla. Publishing for the masses - Early Modern English Witchcraft Pamphlets. *Société Néophilologique*, Mémoires de la Société Néophilologique de Helsinki, Tome LXXXIII, 2011.

THOMAS, Keith. *Religião e o declínio da magia*. Crenças populares na Inglaterra - Séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

USZKALO, Kirsten. *Bewitched and Bedeviled: A Cognitive Approach to Embodiment in Early English Possession*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2015.

WITTKOWER, Rudolf. “Marvels of the East: A Study in the History of Monsters”. *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, nº 05, 1942. p. 159-197.

WOOD, Andrea; SCHILLACE, Brandy (ed.). *Unnatural Reproductions and Monstrosity: The Birth of the Monster in Literature, Film, and Media*. Amherst, New York: Cambria Press, 2014.

YAGO, Daniel. *A caravana dos prodígios - Maravilhas, figuras grotescas e freaks na obra “Noites no Circo” de Angela Carter*. Dissertação. (Mestrado em Ciências Sociais). PUC-SP, São Paulo, 2017.

### Fontes:

ANÔNIMO. *A Declaration of a strange and wonderfull Monster born in Kirkebara, in Lancashire*. Londres: Wellcome Collection – EEBO, 1646.

ANÔNIMO. *Strange News of Kent*. Londres: Wellcome Collection – EEBO, 1609.

Recebido em: 19.06.2022

Aprovado em: 14.10.2022